

O BRASIL, A AMÉRICA HISPÂNICA E O CARIBE: ABORDAGENS
COMPARATIVAS. INTRODUÇÃO

POR

LÚCIA HELENA COSTIGAN
LEOPOLDO M. BERNUCCI

Não deixa de ser um infeliz paradoxo ainda hoje o fato de que duas entidades geográficas —histórica, lingüística e culturalmente afins— venham se ignorando há muito tempo: o Brasil e os demais países da América Hispânica. O fenômeno não é recente e tem raízes profundas no conjunto das vicissitudes históricas do Continente. Aqueles sessenta anos, que vão de 1580 a 1640, inolvidáveis para os portugueses e brasileiros que viveram sob o domínio filipino, explicam e selaram em parte as “diferenças” entres espanhóis e lusitanos na Península, já previamente divorciados depois de a linha de Tordesilhas ter sido traçada. O primeiro momento dessa história é de disputa, competição e domínio. E será assim até fins do XIX, século cujas manobras diplomáticas os nossos irmãos hispanos que fazem fronteira com o Brasil desejariam esquecer. Porque a política de dominação de terras, agressivamente iniciada pelo portugueses no XVIII, no Cone sul, se intensificou ainda mais no final do século passado durante o governo do habilidoso Barão do Rio Branco. Num rápido exame desse período, pode-se notar a incorporação de um número significativo de quilômetros quadrados peruanos e bolivianos, por exemplo, avidamente anexados ao já vasto território brasileiro.

Desencontros políticos à parte, o problema da língua não tem sido menos grave no Continente. Já os intelectuais barrocos portugueses se queixavam da rispidez do castelhano frente ao idioma português, mas a crítica, sabemos, fundava-se num forte ressentimento de época e não em observações de caráter fonéticos propriamente ditos. Acresce-se a essa constatação lingüística, outra que Torres-Róseco notou há muitos anos ao comparar os dois idiomas; ou seja, o português é uma língua complexa no seu falar e dado que o seu espectro fônico é muito mais amplo que o do espanhol, o luso-falante leva alguma vantagem sobre o hispano, na decodificação dos sons. Esta riqueza sonora faz com que qualquer amador observe, por exemplo, que é muito mais fácil para um brasileiro compreender um hispano-falante do que o contrário. *Riqueza* aqui não significa obviamente superioridade, fator ilógico no medir duas línguas, mas que será sempre utilizado por espíritos desavisados dados ao acirramento de um debate sempre absurdo.

Se podemos falar desses dois idiomas principais de nosso continente é porque eles tocam de perto o assunto que nos interessa aqui no presente volume, a literatura latino-americana, objeto do desejo que nos levou a reunir esta coletânea de ensaios para um número especial da *Revista Iberoamericana*. A ocasião era mais do que propícia. Era

urgente. Pois se tratava de incentivar nossos colegas comparatistas a refletirem sobre os impulsos criadores que foram forjando, de um e de outro lado do Continente, tanto aquelas obras construídas programaticamente como aquelas produzidas à revelia. Neste contexto, é possível estudar o Romantismo, dos dois lados, como a cristalização de uma linguagem comum; ao passo que ao chegarmos no começo do nosso século o Modernismo brasileiro irá contrastar de modo radical com uma estética ainda naturalista em pleno Regionalismo hispânico. Há outros casos, como alguns que os trabalhos ora apresentados deixam entrever, mas bastaria somente citar uma afortunada anomalia dentro e fora do Brasil — a incomparável ficção de Machado de Assis — para verificarmos que não faltam temas para avaliações críticas, como os desenvolvidos nos ensaios deste volume. Já fará uns bons vinte anos também que a *Revista Iberoamericana* publicou o seu último número exclusivamente sobre literatura brasileira, graças ao espírito largo de Emir Rodríguez Monegal, pioneiro entre nós no construir pontes culturais e literárias.

Entretanto, o presente número que organizamos não pretende ser exclusivo, mas inclusivo porque é a partir da associação das literaturas hispânica e brasileira que estes estudos cobraram forma; do mesmo modo que um volume, recentemente organizado por um de nós editores para a *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, procurou colocar a questão em termos comparados. Tudo isto se torna possível dentro do novo espírito atual de globalização que vem animando os laços entre o mundo hispânico e brasileiro em vários setores e sob as mais diversas manifestações (Mercosul, Memorial da América Latina, Centro Ángel Rama, Biblioteca Ayacucho, Coleção Arquivos-UNESCO), mas que também nos faz pensar sobre nossas particulares idiossincrasias e sensibilidades. Devemos aproveitar a ocasião para que ela não seja perdida, como proclama o crítico e colega Jorge Schwartz em uma proveitosa e lúcida reflexão que tem inspirado a nossa. Verifica o autor de *Vanguardas latino-americanas* que, no passado, algumas das grandes figuras literárias do Continente se instalavam nas salas-de-estar de seus vizinhos para pagar somente visitas de cortesia. Quanto poderíamos ter beneficiado de um Alfonso Reyes (que morou quatro anos no Brasil), um Aluísio Azevedo (que residiu em Assunção e em Buenos Aires onde faleceu), de um Monteiro Lobato (popularíssimo no Rio de Janeiro), de uma Gabriela Mistral (que morou quatro anos no Rio de Janeiro), de um Vinícius de Moraes (que exerceu funções consulares em Montevidéu) se eles tivessem se voltado sobre as questões ligadas ao nosso Continente! O que dizer de Mário de Andrade, leitor de Güiraldes, Borges, Carpentier e Asturias, mas que se despreocupou de estudar detalhadamente as relações entre os nossos e os do lado de lá? E de Pedro Henríquez Ureña, grande pensador das questões hispânicas mas que, haja vista o enorme valor de sua obra, pouco aprofundou as questões brasileiras nas *Corrientes literarias en la América hispánica*? E ainda de Carpentier, ouvinte refinado e admirador de Villa Lobos, embora “surdo” para a música literária dos vanguardistas brasileiros? E, finalmente, como encarar que Borges por obra do azar recebia textos brasileiros medíocres para resenhar, como os de Ribeiro Couto, que com toda certeza o teriam feito desistir para sempre da literatura brasileira?

Se este panorama pode nos parecer demasiado sórdido, há um outro que é todo otimismo. Já vimos em João Cabral a influência herdada de alguns anos vividos na Espanha refletida nos seus belos poemas, já a partir de *Paisagens com figuras*, obra concebida como tantas outras no passado por Manuel Botelho, Basílio da Gama e

Sousândrade, para culminar depois em *Macunaíma* de Mário de Andrade, e com igual movimento, agora em direção contrária, em Vargas Llosa, no seu monumental romance *La guerra del fin del mundo*. Assim, revivendo o gesto do poeta e comparatista Bandeira (*Literatura hispano-americana*), a crítica atual entre nós, tanto nos Estados Unidos e na Europa como na América Latina, se faz cada vez mais dinâmica e com um número maior de adeptos.

Será nos anos 70 onde conseguiremos localizar com maior precisão um interregno, sob todos os aspectos fértil, entre as duas fases, a do passado e a de hoje. A saber, a publicação de *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana* de Haroldo de Campos e os contatos entre o poeta concretista brasileiro e Lezama Lima, Severo Sarduy e Octavio Paz; a coleção de ensaios *América Latina en su literatura*; a forte amizade entre Ángel Rama e Antonio Candido e a produção de magníficos ensaios que desde a época desta união até os nossos dias têm sido produzidos, principalmente como os do lançamento de *América Latina: cultura, linguagem e literatura*, sob a atual direção de Ana Pizarro, Antonio Candido, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz.

Como idealizaram aqueles que nos antecederam e nos alentaram, esta deve ser a tarefa prioritária de todos os intelectuais interessados no conhecimento, no contato e no intercâmbio em relação aos países da América Latina. Estamos certos de que, através do comparatismo, lograremos o aprofundamento nas nossas próprias e nas demais culturas latino-americanas, tornando-nos mais fortes e capacitados para enfrentarmos —dentro e fora de nossos países e nas instituições onde trabalhamos— as pressões e os desafios que o atual processo de globalização se nos apresenta.

A reunião dos ensaios ora publicados, antes que um simples esforço editorial, constitui um passo a mais na caminhada que iniciamos há algum tempo, e que tem tomado uma direção segura, no sentido de aproximar os dois lados do Continente. Continuamos, portanto, nesse percurso cuja meta principal é a diminuição da grande distância que ainda separa os brasileiros dos demais povos latino-americanos. Que os trabalhos aqui incluídos sirvam como ponto de partida para novas veredas no campo do comparatismo latino-(e inter)americano. Sejam comparatistas!

OBRAS CITADAS

- Bandeira, Manuel. *Literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1949.
- Campos, Haroldo de. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- Costigan, Lúcia Helena et al. *Revista de crítica latinoamericana* 23, 45 (1997): 7-210.
- Fernández Moreno, César. *América Latina en su literatura*. Coord. e introd. de César Fernández Moreno. Paris: UNESCO - México: Siglo Veintiuno, 1972.
- Pizarro, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Org. Ana Pizarro. São Paulo: Memorial - Campinas: UNICAMP. 1993. 2 vols.
- Schwartz, Jorge. “Abaixo Tordesilhas”. *Estudos Avançados* 7, 17 (USP, 1993): 185-200.
- _____. *Vanguardas latino-americanas*. São Paulo: EDUSP: Iluminuras: FAPESP, 1995
- Na versão espanhola: *La vanguardias latino americanas*. Madrid: Cátedra, 1991.

Torres-Río seco, Arturo. *Panorama de la literatura ibero-americana*. Santiago de Chile: Zig-Zag, 1963.

_____. *Historia de la literatura ibero-americana*. New York: Las Américas Pub. Co., 1965.

OUTRAS OBRAS DE INTERESSE

Belluzzo, Ana Maria de Moraes et al. *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. Org. A. M. de Moraes Belluzzo. São Paulo: Memorial, UNESP, 1990.

Candido, Antonio. "Os brasileiros e a nossa América". *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 130-39.

_____. "O olhar crítico de Angel Rama". *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 140-47.

Oliveira Lima, Manuel de. *América latina e América inglesa, a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Série de conferências feita em universidades dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 191?.

_____. *Pan-americanismo*. Rio de Janeiro-Paris: Garnier, 1907.

Rama, Ángel. *La generación crítica*. Montevideo: ARCA, 1972.

Verfssimo, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. Sel. e apres. de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1986.